

2º lugar: Um abraço pros manos e um beijo pras mina – Mark - Rafael Gallina  
Krob

### **Um abraço pros mano e um beijo pras mina...**

Mark

Sexta-feira, fim de tarde, dia e hora feliz! O início do fim de semana anunciava todas as tarefas a serem realizadas: estudar muito, ler muito, exercitar-se muito e descansar muito. Não necessariamente nesta ordem. E quem me dera poder fazer ao menos três dessas coisas ao mesmo tempo, pois o sábado e o domingo só duram 48 horas. Às vezes, o fim de semana ficava pequeno. E segunda-feira, batente na UFSM de novo...

Então, naquela sexta fatídica, lá ia eu para casa, saindo do campus. Mil pensamentos, mil coisas a fazer. Quando eu estava próximo à rótula da Av. Roraima, aliás, será que existia a rótula naquela época ou eu vos invento enquanto escrevo? Não importa, o fato é que lá estava eu dirigindo o carro gentilmente emprestado pelo pai, e a cena foi inevitável: um motoqueiro jazia deitado no acostamento. Moto para um lado, cidadão para o outro. E acadêmico de medicina que se preza, com uma energia e vitalidade de quem quer salvar o mundo, não pensa duas vezes. Encostei o Del Rey fui lá ver o que se passava.

Alguns populares começavam a chegar. Já repassando mentalmente noções básicas de trauma, coração acelerado pela adrenalina da urgência, ajoelhei-me no asfalto, próximo à cabeça do vivente. Segurei inicialmente o capacete com firmeza, e falei com ele. Respondeu. Ótimo! Quem fala, respira, logo tem as vias aéreas livres. E ele não só falou, como seguiu respirando bem, apesar das escoriações, cortes e roupa ensanguentada. Próximo item: tinha pulso palpável. Toquei a carótida e lá estava, um pulso rápido, mas “cheio”. Queixou de dor no ombro: provável fratura ou luxação. Mas, naquele momento, o ombro não era a minha preocupação. Próximo item: estava orientado, lúcido, apenas assustado, e queixando de muita dor. Pupilas normais, sem lesão neurológica aparente. Pelo menos, até onde meu parco exame físico de beira de estrada e de acadêmico de medicina em meio de curso poderia chegar. Nada restava a não ser esperar a já prometida ambulância chegar. Nada mais a fazer até então, a não ser o *primum non nocere*: primeiro, não prejudicar. Fiquei lá de joelhos, segurando com

firmeza aquele capacete, preocupado com a integridade de sua coluna cervical. E foi quando os populares começaram a dar palpites do tipo “abana ele”, “dá água para ele!”, “dá tapa nele para não dormir” (coitado!). E alguém largou: “tira já o capacete dele!” Não permiti de modo algum. Regra básica das aulinhas e cursos de trauma: para retirar um capacete de um motociclista acidentado sem oferecer maiores riscos à coluna cervical, é preciso de duas pessoas, preferencialmente treinadas. Desta forma: enquanto uma segura a coluna cervical, a outra puxa delicadamente o capacete. E ante a aparente ausência de falência respiratória ou choque circulatório do enfermo, era totalmente desnecessário remover o “casco” naquele instante. Não antes dos socorristas chegarem com a maca rígida, colar cervical, e o mais importante, com o profissionalismo de quem lida com estas situações diariamente.

E eu estava controlando bem a situação, até que um velho Chevette surgiu do nada, e freou bruscamente ante aquela cena. Provavelmente, amigos ou familiares da vítima, nervosos que estavam. Desceram dois jovens trajados de uma maneira peculiar: calças largas com fundilhos caídos, tênis enormes e desatados, bonés virados para trás, camisetas “americanóides” com números gigantes estampados. E, gigante mesmo, era a corrente com um medalhão dourado que um deles portava no pescoço. Acho que pesava um quilo, quase! Nada contra a indumentária, quem sou eu para ditar regras de moda. Aquelas vestes, apenas, realmente não faziam o meu estilo...

E já chegaram tentando arrastar o acidentado pelos braços, com a formosura com que um estivador do cais do porto de Rio Grande descarrega um saco de batatas do navio. Puxavam ele e diziam:

- Ô meu, levanta daí, cara!!

Em momento algum sequer perguntaram ao transeunte se ele estava machucado. Só queriam saber “de quem era a culpa do acidente”. Foi quando, então, eu tentei administrar a situação. Expliquei que eu era acadêmico de medicina e estava cuidando de tudo. E que era melhor deixar ele imóvel até o socorro chegar. Mal eu terminei minhas palavras, e um deles falou:

- Quê? Estudante de medicina? Grande coisa!!! - E seguiu tentando cutucar o amigo (“mui amigo!”) que lá jazia no acostamento.

A psiquiatria tem um nome científico para isto: chama-se “con-tra-trans-fe-rên-cia”. É quando o Id do profissional de saúde sente uma fugaz vontade de aplicar o que tecnicamente se chama “uma bolacha em alguém”. Mas, obviamente, em nome dos bons preceitos profissionais, sociais e morais, o Ego (que é o líder da “turma do deixa disso”), trava uma batalha com o impulsivo Id. E este atentado contra as palavras de Hipócrates então não se concretiza (ou não deveria, pelo menos)...

Então, respirei fundo e mantive a cabeça no lugar (a minha e a da vítima): fiquei calmo e segui fazendo a contenção cervical. E, graças aos céus, eu já escutava uma sirene vindo lá dos lados do arco da universidade. Após a chegada da ambulância e da equipe de socorro, a sensação de dever (bem) cumprido é única. Já quase entrando no carro e finalmente tomando meu rumo para o centro da cidade, deu-me uma vontade incontrolável de dizer em voz alta para aquela dupla de afoitos: “Um abraço pros mano e um beijo pras mina...”

E convenhamos, se pessoas assim me encontrarem, que Deus me livre, vítima de um acidente um dia, por favor, me deixem jogado no acostamento!!!